



VOL.7 | N. 13 | JAN/JUN DE 2021 | ISSN 2359-4489

ARTE E POLÍTICA: RAÇA, GÊNERO E NACIONALIDADES



FACES DE CLIO

Orientalismos como espelhos:

olhares ocidentais mirando um Oriente na arquitetura

Renato Brancaglione Cristofi¹

Resumo: O artigo presente discorre sobre a historicidade, fenomenologia e sentidos do Orientalismo nas arquiteturas europeias do século XIX. Procura-se oferecer uma abordagem conceitual sobre tais manifestações e linguagens na cultura material edificada, enquanto produções sociais marcadas por tensões próprias de linguagem arquitetônica fundamentalmente parlante e de representação do ‘outro’. Intentamos, por assim, contribuir com um debate que observa o orientalismo na arquitetura, antes de tudo, como uma autoridade do conhecimento e de práxis simbólica, de distinção e afirmação da Europa – e do Ocidente. Materializada enquanto conhecimento, que a partir dos olhares categorizadores e edificadores dos seus arquitetos, eram – por arte – capazes de conceber um Oriente cativo, a ser exibido pelas ruas das cidades europeias, no panteão de seus triunfos, como arquiteturas aos gostos de “um Oriente” reconhecível.

Palavras-chave: Orientalismo, Orientalismo Arquitetônico, arquiteturas orientalistas.

Orientalisms like mirrors:

Western views looking at the Orient in architecture.

Abstract: The present article seeks to discuss the historicity, phenomenology and meanings of Orientalism in European architecture of the 19th century. Seeking to observe its manifestations and languages in the built material culture, as social productions marked by tensions inherent in architectural language that is fundamentally parlante and that of representation of the ‘other’. We intend to contribute to a debate that observes Orientalism in architecture, above all, as an authority of knowledge and symbolic praxis, of distinction and affirmation of Europe - and the West. Materialized as knowledge, which from the categorizing and edifying looks of its architects, were - by art - capable of conceiving a captive Orient, to be displayed in the streets of European cities, in the pantheon of their triumphs, as architectures recognizable.

Keywords: Orientalism; Architectural Orientalism; orientalist architectures.

¹ Mestre em História da Arquitetura e do Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU/USP-2016); especializado em Ensino de História pela Universidade Estadual de Campinas. Graduado em História - Bacharelado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2010) e Licenciatura pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2010). Atualmente é Professor do Colégio da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Contato: rbcristofi@gmail.com

Fora Edward Said, em sua obra *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*², que afirmara a existência de uma tradição cultural de afirmação das sociedades “ocidentais”, por meio da qual o entendimento e a construção da imagem, conhecimento e identidade europeus firmaram-se, também, pela representação, conceituações e práticas culturais de um “Oriente”.

Uma dialética, na qual ‘um’ Oriente discursivo é afirmado. Manifestado não apenas como a atribuição e definição de uma singular alteridade, mas constituído por signos, exotismos, mistérios, características e experiências notáveis ou perniciosas. Valores e pressupostos de distinção do “ser ocidental” e suas sociedades em relação a esse outro singular: o “oriental”.

Assim, a prática discursiva de afirmação e negação desse outro idealizado estabeleceu, especialmente nas sociedades burguesas do século XIX, o arcabouço cultural das sociedades europeias. Uma cultura de representação que perpassava distintamente todos os campos sociais e sentidos do ser “ocidental”, que dialeticamente constituída em referência, era afirmada, negada e, sobretudo, categorizada e significada através de símbolos e signos reconhecíveis, incluindo os que emergiram pela cultura material da própria Europa.

Sobre o caráter das linguagens orientalistas, um trecho do pensamento *saidiano* nos revela, enquanto síntese, uma elaborada compreensão sistemática do fenômeno orientalista:

O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) “o Ocidente”. Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como o ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, “mente”, destino e assim por diante.³ [...] Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário, e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentavam e, em certa medida, refletem uma à outra⁴.

Os discursos ‘ocidentais’⁵ emergidos do Iluminismo afirmavam a existência de uma “nova sociedade” na Europa, que seria marcada pela racionalidade, pela liberdade e pelo progresso em todos os campos da vida social. A “imagem do Oriente”, por sua vez, figuraria em espelho invertido, como um espaço caracterizado pelo despotismo, irracionalidade, incivilidade e barbárie, em meio a lembranças, exotismos, paisagens e experiências notáveis. Uma doutrinação etnocêntrica, fundamentada na personificação essencial do ‘nós’ e do ‘eles’⁶.

2 SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

3 SAID, Edward W. *Opus cit.* p. 13-15.

4 SAID, Edward W. *Opus cit.* p. 31.

5 Neste artigo, partilhamos a noção fundamental de que identidades são construções ideológicas, históricas, dotadas atribuições de sentidos: reconhecidas, afirmadas, aceitas, verificáveis, porém, constituídas historicamente. Procuramos também relativizar as figuras de “oriental” e “ocidental”, sem, todavia, negar real suas condições reconhecíveis e aceitas, enquanto ideário social e epistemológico. Destacamos reconhecíveis pelos meios e elementos que pela relação dialética do Orientalismo, se afirmam. Justifica-se assim o uso das aspas, que seguem as palavras: “oriental”, “ocidental”.

6 JARRASSÉ, Dominique. “Les arts méconnus. Historicité et ethnicité dans l’histoire de l’art au XIX^e siècle”, in Nabila

Tal tradição interpretativa formou na longa duração o referido arcabouço cultural que se convencionou chamar de Orientalismo, aquele que limitou os olhares dos viajantes “europeus” ao mundo islâmico, fixando-os sobre determinados campos e manifestações que pudessem apresentados, relatados, descritos ou até incorporados em experiência sem a necessária “contaminação” pelos perigos desse “mundo”, sendo necessariamente interpretados dentro dos limites que o orientalismo delineou.

O olhar orientalista, a entidade e alteridade “oriental” construída, se evidenciava no Ocidente por meio de uma autoridade que mirava e redefinia enquanto manifestações associadas ao peculiar, ao mágico e encantador, sem que necessariamente apresentassem “perigo” ao seu admirador, permitindo a este um campo para novas vivências, o que será transmutado pelas artes, entre elas, a arquitetura.

O foco desse olhar valorizava as imagens associadas às antiguidades, aos jardins, às aventuras, à sensualidade, à suntuosidade e ao exotismo idealizado. Tais dimensões seriam associadas aos lugares privilegiados de uma “arquitetura oriental”, tipificada numa visão idealizada dos palácios, das mesquitas, dos parques, fontes, dos quiosques, banhos públicos, lugares que acabariam por configurar as feições e retratos do imaginário orientalista na arquitetura ocidental⁷.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário desdobrar a criação do imaginário orientalista, não enquanto um fenômeno específico ao campo das artes, mas, antes de tudo, como a própria arte, parte de um sistema complexo cultural de redes e circuitos de entendimento, afirmação, valorização e valorização, atribuição de sentidos e práticas sociais. O orientalismo por seus discursos e práticas sociais, reproduz e produz os mundos – Oriente e Ocidente – que aborda em suas dialéticas definidoras⁸.

Como já apontara Said, compartilhamos aqui do entendimento que o Orientalismo é dotado de sentidos, signos e valores, que, mesmo em inebriantes ou confusas figurações sobre o “outro”, são sim capazes de constituir-lo, enquanto verdades reconhecíveis que vão se estabelecendo lenta e firmemente. À luz de Nietzsche, lembremos que “verdades começam pela indução de sentidos”⁹.

Oulebsir et Mercedes Volait (dir.), *L'Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris : Picard : 2009, p. 109-127. CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo - 1895 - 1937*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-20122016-152110. Acesso em: 25 set. 2020. p. 15-16

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

7 LÉCONTE, Marie-Laure C. Oriental ou colonial? Questions de styles dans les concours de l'École de beaux-arts au XIX siècle. In: OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (org.). *L'orientalisme architectural – entre imaginaires et savoirs*. Paris: Ed. A et J.Picard, 2009. p. 43-44. CRINSON, Marck. *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996. MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

8 Enquanto fenômeno cultural, o Orientalismo não pode ser entendido somente como uma corrente de pensamentos e ideias sobre o Oriente, é, sobretudo, uma mentalidade social e histórica, que se manifesta em percepções da realidade, aos olhares das sociedades que o construíram por *alter-referência*.

9 NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, original de 1873.

GONÇALVES, Sérgio Campos Gonçalves, “Da premissa metafísica à história do sentido: a Verdade em questão e sua

Pierre Bourdieu afirmou a vida material como função social de representação e distinção, valor simbólico pela qual a estética simboliza e reflete o ser que a vivencia e a consome¹⁰. No âmbito do orientalismo, podemos compreender que o olhar sobre tais símbolos, feições, artes e signos do outro extraeuropeu também cumpre essa função paradigmática, obviamente em dupla relação de distinguir o atribuído ‘reconhecível’ do outro ao aceito, valorizado e referendado enquanto seu, pela oposição dialética dessa relação (retórica, discursiva, ideológica, material).

Foi Ferdinand de Saussure – outro símbolo e expressão desse pensamento cientificista europeu do século XIX – que asseverou a linguagem – e suas expressões de significantes – como aquelas capazes da definição dos objetos. Certamente, os sentidos e imagens que ‘ocidentais’ possuem das artes orientais são, antes, manifestações de seu próprio repertório interpretativo e se constituíam como *linguagens orientalistas*.

A título de exemplo, poderíamos encontrar por analogia esse processo cultural do Orientalismo na simbolização da figura da mulher ‘oriental’, em encanto, sensualidade e permissividade. A odalisca e a dança do ventre são para os ‘ocidentais’, antes que artes corporais, sonhos e imaginários orientalistas para com a dança e a representação da mulher, significada enquanto oposição aos parâmetros restritivos da vida burguesa europeia e seus ditames ao feminino¹¹.

Assim, como diria Said, o “Oriente é parte integrante da civilização cultural e material europeia”¹², e por isso, suas imagens discursivas presentes em romances, fantasias, relatos de viajantes, notícias dispersas, contatos literários e artísticos, de imaginários imemoráveis ganharam na vida burguesa e no desenvolvimento da sociedade industrial europeia lugar de destaque nos imaginários coletivos europeus. O que no campo das representações culturais, ocupou importante espaço de prática, de experimentação da arquitetura europeia, principalmente a partir de fins do século XVIII e início do XIX, como um campo recorrente¹³.

Acerca do imaginário orientalista europeu, e na maneira como um “oriente” constituiu-se na arquitetura como manifestação, esclareceu a historiadora francesa Lorraine Decléty:

O espírito enciclopédico [a mentalidade], a nova consciência da historicidade do tempo e o relativismo histórico que se seguiu explicam o novo interesse que os homens do iluminismo e seus sucessores tiveram por manifestações intelectuais e artísticas nada clássicas, como a arquitetura islâmica. Esse interesse se manifestou no estudo e na assimilação de algumas de suas características aos repertórios historicistas e ecléticos

concepção como objeto em Nietzsche”, *Revista de Teoria da História*, v. 6, p. 122-138, 2011.

10 BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

11 DIB, Márcia Camasmie. *Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo orientalismo através da pintura*. Goiânia: PROEC - Universidade Federal de Goiás, 2011.

12 SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 28-29.

13 Ver: OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes. Introduction. In: Nabila Oulebsir e Mercedes Volait (dir.). *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard, p. 7-10. DECLÉTY, Lorraine. *L’Orientalisme, entre connaissance et réinterprétation de l’architecture islamique*. Paris: École pratique des hautes études, 2005. DECLÉTY, Lorraine. *L’Architecture Orientaliste*. Paris: Livraisons D’histoire De L’architecture, vol. 5, n. 1, p. 55-65. CRINSON, Marck. *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996. MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

da arquitetura do século XIX. O estudo da história da arquitetura islâmica, conforme se desenrola no século XIX, e do orientalismo arquitetônico revela um *descompasso* que é tanto formal, estilístico quanto conceitual e simbólica¹⁴.

O orientalismo arquitetônico não se caracterizou como uma simples reprodução estrita de ícones da arquitetura islâmica como Alhambra, ou as mesquitas e palácios de Istambul, Cairo, Bagdá ou de Déli. Os repertórios das arquiteturas ditas “árabe”, “mourisca”, “islâmica”, ou variações nacionais, como o “*mudéjar*”, configuraram-se notadamente de *representações orientalistas* sobre esse outro “oriental”. São, por assim, definitivamente artes arquitetônicas das sociedades europeias, por mais que o próprio discurso cientificista, historicista do século XIX lhes apresente sob os ideais de verdade, coerência formal, estilística e fiel retrato de outrora, de uma arte ou de específicos estilos arquitetônicos extraeuropeus.

Uma das características fundamentais do orientalismo arquitetônico é o uso sistemático de repertórios específicos e, ao mesmo tempo distintos de diferentes vertentes artísticas ‘orientalizantes’, basicamente, enquanto vocabulários arquitetônicos de ornamentação e repertórios estético-formais capazes de manifestar o imaginado “Oriente” pela arquitetura.

As composições orientalistas na arquitetura assumiam como imagem de composição e criação os repertórios orientalistas da cultura material presentes nas gravuras, registros e pinturas, desde românticas a historicistas. Tais citações formais dialogavam com arcabouço imagético sobre ‘o Oriente’ que se formará desde a metade do século XVIII, com o Iluminismo e o espírito das luzes, e encontrariam seu esplendor no século XIX, do Imperialismo, das ciências, do Romantismo, mas, sobretudo com a vitória da vida burguesa sobre os espaços do cotidiano e suas expressões de cultura simbólica nas cidades europeias.

Assumido como homogêneo e pitoresco, esse idealizado e singular, o ‘Oriente’ fora reproduzido dentro das técnicas e práticas arquitetônicas partilhadas aos gostos, conceitos e modos de habitação da tradição ocidental-europeia, particularmente das elites; bem como em alguns espaços e tipos de edifícios públicos ligados ao lazer e as experiências essencialmente urbanas ou de recreação, como parques, mercados, estâncias balneárias, teatros e arenas de espetáculo. Por essa hierarquia funcional que compunham um “todo”, o orientalismo na arquitetura não seria uma produção técnica diferente dos padrões e regulamentos que a sociedade burguesa emanava e mirava olhares, em gosto e valor.

Como parte dessas sociedades, indifere o gosto – e o programa arquitetônico – orientalista das demais produções da arquitetura da segunda metade do século XIX e das primeiras três décadas do século seguinte, no que tange às práticas e técnicas construtivas, usos de materiais

14 Tradução de texto original : *L’esprit encyclopédique, la conscience nouvelle de l’historicité du temps et le relativisme historique qui s’ensuivit expliquent l’intérêt nouveau que les hommes des Lumières et leurs successeurs portèrent aux manifestations intellectuelles et artistiques non classiques, comme l’architecture islamique. Cet intérêt se manifesta par son étude et par l’assimilation de certaines de ses caractéristiques dans les répertoires historiciste et éclectique de l’architecture du XIX e siècle. L’étude de l’histoire de l’architecture islamique, telle qu’elle se met en place au XIXe siècle, et de l’orientalisme architectural révèle un double décalage à la fois formel, stylistique, et conceptuel, symbolique*”. In: “DECLÉTY, Lorraine. *L’Orientalisme, entre connaissance et réinterprétation de l’architecture islamique*. Paris: École pratique des hautes études, 2005.

e padrões de higiene ou instrumentalização, utilizando inclusive das mesmas soluções, meios e materiais e, sobretudo, tendo por seus artífices, homens ambivalentes em todas as possibilidades do panteão arquitetônico do ecletismo¹⁵.

Marcado pela constituição da representação do “outro”, o orientalismo nas artes deve ser compreendido enquanto fenômeno histórico e epistemológico, dotado de razões, motivações e sentidos de representação próprios.

O ‘Oriente’ simbólico, definido e idealizado, enquanto manifestação na cultura material emana interações e apropriações sociais particulares aos seus interlocutores e agentes. Sentidos polissêmicos, sim, que, todavia, reverberam através do imaginário discursivo-social reconhecido do arcabouço orientalista. No mundo do século XIX, a produção e expressão da cultura material, sobretudo historicista, permeava-se pelo reconhecer de signos, códigos e repertórios interpretativos. O orientalismo, desta forma, é essencialmente alegórico, pois, em imagem e discurso, cumpre função de interrelação e simbolismo – manifestando sentidos, valores, modelos representativos, fantasias, que ultrapassam a retórica formal letrada, numa arquitetura ‘*parlante*’.

Formas orientalistas na arquitetura são conteúdos e em sua historicidade manifestam sentidos do imaginário sobre o “eu” e o “outro”. Códigos interpretativos capazes de estabelecer elementos iconológicos, imagéticos, etnificados; noções e afirmações coletivamente reconhecíveis por suas formas, ou ao menos partilhadas dentro de redes e circuitos sociais de inserção, afirmação, circulação e reprodução de ideias¹⁶.

Desta maneira, devemos pensar o orientalismo arquitetônico como expressão, representação e campos de possibilidades, o que, entre os distintos modelos de arquiteturas elevadas ao panteão das artes de padrão historicista da Belle Époque, assume, em decorrência de seu valor simbólico, imagético, ideológico, alegórico e representativo do ‘Oriente’, sentidos de hierarquização antagonistas em relação ao Ocidente, que o cita e reduz a usos específicos e menos solenes do que os ‘estilos’ calcados no passado europeu, como os oriundos das ruínas greco-romanas ou dos arcos góticos.

Karl Marx, por exemplo – entre tantos homens do século XIX – concluía, sem muitos constrangimentos, que orientais “não podem representar a si mesmo; precisam ser representados”¹⁷. Aqui não se deve apenas pensar a dimensão política dessas representações, mas, sobretudo, suas dimensões culturais.

15 Ver: PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'eclettismo: fonti, teorie, modelli 1750 - 1900*. Milão: G. Mazzota, 1975.

16 **Nota complementar.** A cultura material do orientalismo é hierarquizada e polissêmica, pois enquanto expressão permite o estabelecimento/reconhecimento de interrelações e significados, que, nessa dialética, são interações polissêmicas entre objeto e seus sujeitos sociais. Operando, pois, dentro das redes de entendimentos e mentalidades particulares, que remetem historicamente aos seus próprios arcabouços culturais: ‘europeus’, ‘cristãos’, entre tantos etnocentrismos que restringem, apropriam e reconstruem a materialidade e a expressão do outro. Alegórico, igualmente, por expressar-se em sentidos-sociais, através - e se utilizando - de elementos, ornamentos, linhas sinuosas e todos os outros signos e códigos capazes na arquitetura, de remeter os olhares ‘ocidentais’ aos sentidos que o imaginário sobre o ‘Oriente’ lhe confere, e por estes é expresso. Linguagens icônicas, sobretudo, mediações e vivências por modelos codificados e reconhecíveis.

17 MARX, Karl. *O dezoito brumário de Luís Bonaparte*. 1852

Esse *Espelho de Próspero*¹⁸ do Orientalismo não pode ser compreendido enquanto uma prática única, uniforme e sem conflitos. Não há, portanto, um único orientalismo, especialmente no que nos interessa na arquitetura. Mas sim, como conjunto de particulares, multifacetadas, diversificadas e polissêmicas construções/maneiras de representar o outro, através de apenas um elemento comum: o sentido social de utilização dos repertórios universalmente reconhecíveis e figurados como orientais, ou “não ocidentais”, o singularizado “Oriente”. Dado isso, é preciso entender a existência de *orientalismos na arquitetura*.

Seria, portanto, equívoco teórico conceituar as manifestações orientalizantes edificadas como um fenômeno único na História da Arquitetura. Equívoco, porque ignoraria a existência de práticas e motivações diversificadas que apresentam linguajares e vocabulários orientalistas na arquitetura. Intentos que, como uma edificação, possuem suas especificidades materiais, funcionais e de intentos.

Assim, retomando o sentido do orientalismo na arquitetura como um “*parlante*” (dotado de sentidos, signos e sensações que se manifestam pelos seus próprios e diversos significados simbólicos, alegóricos; representações em resumo, quando defrontados com o imaginário em que opera), nos arriscamos em observar no conjunto diverso de arquiteturas, situadas em alteridades do ‘outro’, como as de *alter-referência*; passando por todas as apropriações destas mesmas linhas sobre significados indenitários como em vertentes nacionalistas sobre a arquitetura, como na face que o orientalismo-mudéjar ascendeu na Espanha ou ainda nas incorporações claramente marcadas pela figuração da representação étnica como em comunidades judaicas asquenazi no Leste Europeu¹⁹, ou mesmo, ainda, em produções de viver de imigrantes levantinos em São Paulo²⁰.

Sendo a arquitetura, antes de tudo, eivada de condição de produção compositiva autoral, poderíamos pensar que tal condição impediria que vínculos diversos fossem assumidos na produção de um arquiteto, principalmente quando seus projetos são reproduzidos amplamente, o que demonstraria uma coerência. Tal coerência, enquanto manifestação autoral específica, não significa, por sua vez, um impeditivo às múltiplas interações e representações que essas produções possam ter estabelecido no âmbito das sociedades, cidades e grupos sociais²¹.

18 “*O Espelho de Próspero*” é nome do livro de Richard Morse, pela qual o autor procura perceber, através da História, as diferentes maneiras pelas quais as duas faces do Novo Mundo (América Latina e Anglo-Saxã) conceberam-se em mentalidades e ideias, o homem e a sociedade. Traspassamos aqui a analogia de Morse ao orientalismo, por acreditar que a dinâmica de relação do “eu” e do “outro” não é um privilégio do pensamento em relação ao “oriental”, mas, como aponta Said, uma interação dialética do pensamento construído historicamente entre os “ocidentais”.

19 Ver: KALMAR, Ivan. Moorish Style: Orientalism, the Jews, and Synagogue Architecture. *Jewish Social Studies: History, Culture, and Society*, v. 7, n. 3, p. 68-100, 2001. KALMAR, Ivan. *Orientalism and the Jews*. Waltham, MA: Brandeis University Press, 2005.

20 CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo - 1895 - 1937*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-20122016-152110. Acesso em: 25 set. 2020.

21 A título de exemplo, podemos destacar a produção de arquitetos como Carl Von Diebitch. Pautando-se, em referência ao estudo de: AZIZ, Elke Pflugrad-Abdel. A Proposal by the architect Carl von Diebitsch (1819-1869): Mudejar Architecture for a Global Civilization. In: *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard (Collection D’une rive l’autre), 2009. p. 69-88.

Destacado até aqui o orientalismo – e suas replicações na cultura material e na arquitetura – enquanto horizontes substancialmente marcados e elevados à condição especial do imaginário das sociedades que o produziram, é notadamente necessário, ainda, entender que esse lugar especial do orientalismo se manifesta, para seus partidários e produtores, como uma forma de ‘conhecimento’.

Nabilia Oulebsir e Mercedes Volait observam, com maestria, que:

O Orientalismo arquitetônico não é somente um conjunto de cenários exóticos, fiéis ou alusivos; é também uma forma de “construção do conhecimento”, através do qual uma vasta gama de conhecimentos pode ser observada²².

Nesse sentido, a arquitetura orientalista depende de redes de produção e expressão materiais, das quais a ornamentação é mais do que simplesmente a replicação de imagens e linhas orientalizantes, mas, sobretudo, expressões hierarquizadas de conhecimento, expressões acadêmicas esteticamente elaboradas de arcações discursivo-interpretativos, pelos quais formas e conteúdos cumprem sua função social-filosófica de realizar idealmente o “Oriente”. Completam Oulebsir e Volait:

De modo mais geral, a produção orientalista é um bom revelador do status dos mundos extra-ocidentais e das trocas [culturais e de representação] internacionais no campo das artes, e sua historiografia também pode ajudar a lançar luz sobre o lugar de terras distantes no campo da visão e reflexão sobre a história da arte, arquitetura e do patrimônio²³.

Said destacara fundamentalmente que uma das características primordiais do Orientalismo era ser, no século XIX, “um campo de estudo erudito” e manifestado enquanto uma “autoridade do conhecimento” sobre os espaços orientais:

O Orientalismo pode ser discutido e analisado como instituição autorizada a lidar com o Oriente - fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma ter autoridade sobre o Oriente, [que] não era um tema livre para o pensamento e ação. [...] os campos de estudos, é claro, são criados. Adquirem coerência e integridade com o tempo, porque os eruditos se dedicam de diversas maneiras ao que parece ser um tema decidido em conjunto. [...] Falar da especificação erudita como um “campo” geográfico é, no caso do Orientalismo, bastante revelador [...] tudo isso descreve o Orientalismo como uma disciplina acadêmica. O “ismo” em Orientalismo serve para insistir que essa disciplina é distinta de qualquer outro tipo²⁴.

22 Nabila Oulebsir et Mercedes Volait. Introduction. In: *L'Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard (Collection D'une rive l'autre), 2009. p. 7-10.

23 Idem, *ibidem*. p. 7-10.

24 SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p 29-31; 211-212.

Pensar o Orientalismo enquanto “instituição autorizada a lidar com o Oriente” e “um campo de estudo erudito” não se restringe somente a traçar as inúmeras redes e circuitos desse conhecimento, reprodutibilidade e construção ideológica, política, simbólica e imagética do ‘Oriente’, mas, além disso, passa, notadamente, por entender o próprio fenômeno enquanto manifestação formadora da intelectualidade e da própria representação orientalista. Os circuitos de sua produção formaram-se, como já observamos, no rescaldo cultural da erudição do século XVIII e da ascensão do espírito científico e classificatório na Europa oitocentista, o que será assumido enquanto práticas entre as arquiteturas historicistas.

As formas do orientalismo: conhecimento do ‘outro’ para uso, autoridade e prática na arquitetura

O Oriente afirmado, subestimado, apontado como antidemocrático, bárbaro e incivilizado, merecia o Orientalismo enquanto prática cultural deliberada, erudita, acadêmica e científica, como nas palavras de Said, “do tipo a ser encontrada nas disciplinas como filologia, a biologia, a história, a antropologia, a filosofia ou a economia”²⁵.

No campo das artes, a mentalidade orientalista se desdobra em expressões capazes de transformar modelos e repertórios vindos das arquiteturas extraeuropeias em motivação/sentido para os arquitetos e artífices das práticas de edificar o ‘outro’, dentro dos espaços e imaginários ‘ocidentais’.

Estudos dedicados a compreender o Orientalismo em sua face arquitetônica demandam, nesse sentido, certas percepções de seu campo de produção imagética e imaginário, ou seja, aqueles vindos das nas redes de formação, difusão, reprodução do conhecimento orientalista.

Tal condição implica, por exemplo, em estabelecer relações com a pintura orientalista francesa e britânica, ou até, em menor escala, com a russa, alemã e ibérica, bem como a obra de gravuristas que difundiam imagens do Oriente. Passaria também por entender a produção de compêndios, concursos, estudos de “*L’arte árabe*” e suas consequências dos estudos arqueológicos dos agentes imperiais engajados na carreira do Oriente.

Assim sendo – realizada a discussão conceitual do que entendemos por orientalismo arquitetônico –, procuramos, na sequência deste artigo, apontar sinteticamente sobre a formação dos repertórios e modelos orientalistas codificados, por suas vias de contato, conhecimento, imaginação e afirmação do ‘Oriente’, ou melhor dizendo, por seus retratos orientalistas. Caminhos e redes de erudição que diante dos ícones arquitetônicos ‘extraeuropeus’ – sobretudo do Islã, como Alhambra ou as mesquitas do Cairo – configuraram e limitaram os aspectos das expressões arquitetônicas orientalistas enquanto imagens e maneiras artísticas de se representar.

Nesse sentido, pontuaremos sobre a evolução desta relação de apropriação e significação do outro ‘oriental’ enquanto possibilidade de prática, conhecimento erudito e acadêmico nas artes, especificamente na arquitetura, o que não se esgota em termos de estudo diante do entendimento que o Orientalismo, enquanto expressão e espaço de construção e tensão nas cidades europeias.

²⁵ Ibid, p. 211-212.

Inevitavelmente se materializava a partir de redes de interação, conhecimento, descrição, codificação e difusão de formas, associadas a conceitos e imagens vindos de expedições científicas e imperiais, bem como da ação de arquitetos que atuavam no Oriente. E enquanto símbolos edificados se inseria nestas próprias redes de referência conceitual e modelar para outras arquiteturas que miravam algum ‘Oriente’ imaginado e reconhecível.

Obviamente, como citaremos na sequência, não se trata de uma formação uníssona e simétrica do orientalismo nas arquiteturas europeias. É fundamental discutir como tais *vias de contato*²⁶ – e suas interdependências com a formação deste próprio conhecimento acadêmico, reprodutibilidade, circuito de produção e circulação imagens do ‘oriente’ – foram incorporadas à prática de edificar.

A própria formação dos repertórios – e conhecimento – do imaginado ‘oriente’ e de uma “arte oriental” deu-se historicamente a partir de fins do século XVIII e massivamente a no século XIX, através das interações, descrições, narrativas e relatos de viajantes europeus, que de peregrinos aos agentes do Imperialismo e de companhias de exploração e comércio carregavam sentidos sobre um Oriente, ainda que em caráter aventureiro, fantasioso e pitoresco na direção daquilo que lhes era cada vez mais próximo ou cativo, ou face superior de seus empenhos capitalistas.^{27, 28}

É nas primeiras décadas do século XIX que aspecto imaginado da arquitetura de linguajar ‘oriental’ começa a dar espaço, gradativo, aos estudos e descrições que a procuram apresentar enquanto uma ‘arte oriental’. Lorraine Decléty desenvolveu estudo sobre essa passagem do caráter do orientalismo e sua imagem, do mundo do imaginário para o preconizado enquanto objeto de estudo e afirmação. A historiadora da arte destaca que é na mentalidade oitocentista que:

[...] as descrições e representações de edifícios islâmicos começam a ser recorrentes, especialmente no que tange a mesquitas e palácios dos principais destinos no Oriente, até a segunda metade do século XVIII. No alvorecer do século XIX, duas publicações foram instrumentais para compreender a extensão desse conhecimento. As coleções de Jean-Nicolas-Louis Durand e Jean-Baptiste Seroux Agincourt, que de fato pretenderam reunir uma ampla gama de evidências arquitetônicas, tomadas na Europa e em outros lugares para escrever uma história da arquitetura através das imagens [modelares]. Estas plantas [gravuras] mostram que, além das principais mesquitas e residências palacianas na Turquia e na Pérsia, também eram conhecidos a Alhambra em Granada e a Mesquita

26 Chamamos de *vias de contatos* o conjunto de repertórios e modelos orientalistas ascendidos não só pelas expedições e pela ‘carreira do oriente’, mas na difusão e circulação de imagens pela pintura, gravura, coleções de museus, exposições universais, literaturas e publicações, fotografias, manuais de arquitetura e história da arte.

27 Lorraine Decléty. *Pratique et connaissance: les chemins divergents de l’orientalisme scientifique et de l’orientalisme artistique en France et en Allemagne*. In: *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard (Collection D’une rive l’autre), 2009. p. 89-107. CRINSON, Marck. *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996. MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

28 Lorraine Decléty. *Pratique et connaissance: les chemins divergents de l’orientalisme scientifique et de l’orientalisme artistique en France et en Allemagne*. In: *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard (Collection D’une rive l’autre), 2009. p. 89-107. CRINSON, Marck. *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996. MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

de Córdoba, os pavilhões de La Zisa e Cuba, em Palermo, bem como exemplos de arquitetura civil argelina e funerária Indo-Mogal²⁹.

No seio da erudição europeia, as pontes de conhecimento se constituíram substancialmente pelos ícones arquitetônicos do ‘Islã’³⁰ – como Alhambra ou as mesquitas do Cairo – que foram necessárias enquanto objeto contraposição a um ideal europeu. Para a erudição francesa – e suas práticas nas artes – as pontes recorrentes são a Andaluzia, o Egito, bem como os crescentes contatos com a Argélia; no âmbito do Império inglês, destacava-se, substancialmente a Índia.

É em meio a esses contatos que o nascer do século XIX assiste ao “boom de publicações sobre arquitetura islâmica”³¹. Esse fenômeno de construção de repertórios visuais, obviamente, não se restringe às publicações de compêndios sobre a ‘arte oriental’, é parte integrante da imersão definitiva dessas imagens orientalistas ao seio da vida europeia e das sociedades burguesas. Sobretudo, apresentando-as em faces pitorescas, como esclarece Mark Crinson:

[...] os arquitetos que começaram a praticar, nas duas primeiras décadas do século XIX, a arquitetura islâmica a imbuíam de valores pitorescos. A teoria pitoresca nas artes tinha alargado o alcance da estética, sancionando escolhas a partir de uma pluralidade de estilos, desde que foram associados tanto com o personagem e decoração, de construção, ou de significado de um determinado programa narrativo. O Islã desta forma poderia ser uma mercadoria como outra qualquer, pronta para ser apreciada pela sua novidade e, como a moda, descartada quando a busca do prazer nela cessasse. Assim como outros estilos pode implicar moralmente ou poeticamente ideias, o modo islâmico foi frequentemente associado ao prazer, feminilidade e entretenimento³².

Se a arquitetura do Orientalismo é, por natureza e fenômeno, uma amálgama de redes eruditas e sentidos sociais vindos do imaginário sobre o ‘Oriente’, sua manifestação enquanto conhecimento possui uma historicidade de longa duração.

A plena consciência construída sobre seu passado histórico permite ao mundo idealizado e racionalizado ‘ocidental’ apresentar no seu ‘seio’ a arte e arquitetura ‘oriental’, aquilo que, afinal, se prestava a distinguir o ‘si’ do ‘outro. Na Babel arquitetônica do orientalismo, importam menos as multiplicidades e especificidades do outro, o que importa, sim, é sua condição essencialmente oposta: não europeia.

29 Lorraine Decléty. Pratique et connaissance: les chemins divergents de l’orientalisme scientifique et de l’orientalisme artistique en France et en Allemagne. In: *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard (Collection D’une rive l’autre), 2009. p. 89-91.

30 As diversas arquiteturas do mundo islâmico, não necessariamente são muçulmanas. Além da presença de arquiteturas cristão-orientais ou latinas, convive-se, nas sociedades do Islã, com arquiteturas de etnias judaicas e, ainda, outras tantas minorias não semíticas. Soma-se, ainda, todo o arcabouço técnico-formal das arquiteturas do “Oriente” pré-islâmico, o que inclui vastos sítios e ruínas de cidades antigas presentes nessa mesma identidade geográfica.

31 Lorraine Decléty, *Ibid*, p. 89-107.

32 CRINSON, Marck. Early nineteenth-century Architects in the Near East. In: *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996. Terceiro parágrafo. (e-book) location/localização 554-570.

Se hoje, para nós, nenhum viés de compreensão permite seriamente aproximações generalizantes entre espaços como Granada, Timbuktu, Túnis, Cairo, Jerusalém, Istambul, Esmirna, Damasco, Ormuz, Sarmancanda, Isfahan ou Déli, sob os olhares orientalistas todo esse mundo era único e singular. Em sua suspensão temporal, essencialmente passadista e ‘atrasada’, apesar de todas suas variações étnicas, históricas, culturais, religiosas, e no caso da arquitetura, sobretudo formais.

O imaginário do ‘oriente’ torna-se pelo orientalismo uma autoridade e conhecimento capaz de afirmar, no seio da erudição europeia, as próprias características da arte do ‘outro’, em um ideal discursivo-historicista especular.

É importante também frisar, todavia, que os estudos sobre o Orientalismo na Europa³³ demonstram que, a partir da década de 1870, os discursos arquitetônicos orientalistas caminharam para alguma busca de exatidão conceitual e formal, mas, sobretudo, condizentes às suas categorizações capazes, por exemplo, de distinguir uma arquitetura historicista ‘andaluz’ de uma suposta ‘pérsico-mongol’.

Consequências diretas de processos de difusão do conhecimento da arquitetura ‘islâmica’ emergida da própria exploração colonial na África e na Ásia. Abertura de espectros mais amplos de contato e conhecimento, que em autoridades e redes e contatos como “exposições universais, fotografias, revistas e principalmente a produção e circulação de compêndios, livros e obras que afirmavam uma arquitetura ‘oriental’”, disponíveis a arquitetos, seus clientes e patrocinadores³⁴, propiciaram mudanças no discurso orientalista na arquitetura europeia ao longo do século XIX.

Decléty, observando a historicidade do fenômeno orientalista na arquitetura, afirmou que tais decorriam das próprias mudanças do arcabouço cultural das sociedades europeias, seus ideais e olhares nas artes, “como na passagem da alma romântica para a emergência do cientificismo e do positivismo na Europa”³⁵.

O Orientalismo e seu retrato arquitetônico são - independentemente de seus momentos - discursos e representações sobre o oriente, antes que réplicas de suas expressões. As próprias mudanças nas linguagens orientalistas nos reafirmam essa condição, pois estão, intrinsecamente, ligadas às tensões e mudanças das mentalidades das sociedades europeias. Importante, também, é o papel e o peso do Imperialismo na arquitetura orientalista que, às vezes minimizado pelos estudos europeus³⁶, não pode ser negado. As próprias diferenciações das práticas orientalistas

33 DOMINGO, J. Manuel. La Alhambra y el orientalismo arquitetônico. In: COSTA, Renato da Gama-Rosa (org.). *Caminhos da Arquitetura em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, FAPERJ, 2003. OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (org.). *L'orientalisme architectural entre imaginaires et saviors*. Paris: Ed. Picard, 2009. MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

34 CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo - 1895 - 1937*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-20122016-152110. Acesso em: 25 set. 2020. p. 19-20.

35 CRISTOFI, Renato Brancaglione. Opus cit. p. 19-20.

36 Alguns estudos do orientalismo arquitetônico procuram distanciar-se dos debates pós-saidianos - propositadamente não discutindo o papel da ideologia imperialista e seus reflexos nas estruturas de pensamento, nas práticas culturais das sociedades.

arquitetônicas na Europa novecentista (Reino Unido, França, Prússia e Rússia) apontam essa condição. O caráter idealista e erudito pioneiro na carreira orientalista é parte integrante da ação imperialista desses Estado-nacionais em formação, sobretudo, em seu aspecto ideológico.

O “fardo do homem branco”³⁷, tão cativo à mentalidade burguesa, justificará socialmente a ação devastadora sobre os espaços extraeuropeus. Vias de mão dupla das práticas orientalistas, locais de contato, descrição e afirmação do outro, bem como imposição/interpretação de seu ‘Oriente’ orientalista.

Tais interações entre opções formais e expansões coloniais se expressam em diferentes contextos europeus. Como observei anteriormente:

O Pavilhão Real de Brighton, na Inglaterra, por exemplo, guarda suas linhas orientalistas em clara referência a arquitetura islâmico-mogol da Índia e do Paquistão, colônias britânicas em plena expansão. Do mesmo modo, percebe-se que a famosa fábrica de cigarros alemã Dresden Yenidze, situada em Dresden, na Alta Saxônia, têm seu aspecto orientalista, mesmo que inspirado nas mesquitas do Cairo, associado em espectro ao desenvolvimento e progresso do Império Alemão, sobretudo, diante de suas aspirações expansionistas sobre as possessões do combalido Império Turco. Do mesmo modo, é possível perceber na tradição orientalista francesa à proximidade com as linguagens arquitetônicas islâmicas do Magreb, seus espaços coloniais no Norte da África³⁸.

Entre outros processos similares, como no orientalismo russo, enquanto reflexos de suas pretensões e avanços em direção ao centro-asiático, donde a inspiração bactriana de alguns de seus edifícios caminha em paralelo aos seus esforços em meio ao “*Grande Jogo Oriental*”³⁹ na Ásia-Central.

Mas impressionante, ainda, é perceber quais papéis e funções as expressões da arquitetura orientalista assumem diretamente nos espaços coloniais. Sua utilização, mais do que uma tentativa confusa de aproximação em direção às formas arquiteturais locais de suas conquistas, é deliberadamente uma prática – impositiva – de afirmação sobre o ‘Oriente’, inserida imperialmente no seio dos seus espaços de dominação.

Se na Europa o orientalismo arquitetônico encontrava lugar nos espaços do exótico, do diferente e de recreação burguesas, no mundo colonial capitalista os discursos e práticas arquitetônicas do orientalismo se manifestam enquanto condição rígida associada diretamente

Estes procuram entender as manifestações orientalistas na cultura material por si, seja por sua produção, linguagens, aspectos formais e sociais, mesmo que relacionando-as com as mentalidades e ideologias partilhadas no imaginário e práticas sociais orientalistas, resguardam-nas da fase imperialista praticada pelos estados-nacionais do século XIX.

37 “The White Man’s Burden” (“O Fardo do Homem Branco”) é nome do poema escrito pelo britânico (nascido na Índia) Rudyard Kipling, em defesa da ocupação estadunidense das Filipinas. Foi publicado originalmente na revista popular McClure’s em 1899. A expressão “*fardo do homem branco*” tornou-se então sinônimo do imperialismo justificado enquanto política e ideologia, algo como um nobre empreendimento civilizatório.

38 CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo - 1895 - 1937*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-20122016-152110. Acesso em: 25 set. 2020.

39 Como ficaram conhecidos os choques entre os imperialismos russo e britânico na Ásia Central, nas fronteiras então confusas entre a Índia Britânica, a Pérsia e os domínios imperiais da China.

aos usos públicos de fato, espaços simbólicos e de figuração do poder e presença colonial, nas quais a imagem do desenvolvimento e da modernidade é uma retórica constante e paradoxal de ‘si- no -outro’.

Nesse sentido, no século XIX, é inegável a percepção dos entrelaços do Orientalismo arquitetônico à ação colonialista dos Estado-nacionais, seja na construção e arquitetura de sistemas públicos de administração, educação e controle coloniais, ou mesmo na simbologia do orientalismo na arquitetura da Europa.

Orientalismos nas práticas arquitetônicas são, desta maneira, independentes de seus momentos e motivações, visões europeias sobre o ‘outro’ e de que estas assumem os epítetos herdados do imaginário orientalista e das ações dos europeus sobre o mundo ‘extraocidental’.

Usos e as linguagens do orientalismo, por mais que aparentemente variados na arquitetura dita ocidental, constituíram-se, assim, antes de tudo, enquanto um conhecimento intelectual e formal, que compuseram a historicidades e a imagem do ‘Oriente’ através da arquitetura e seus repertórios modelares.

Seja em Argel e outras praças francesas no Oriente Próximo, ou ainda nas cidades da Índia Britânica, os olhares orientalistas são manifestados e internalizados nos edifícios construídos pelas potências colonizadoras nos seus ‘Orientes’ particulares e cativos. O quanto e como esses edifícios foram percebidos e reelaborados mentalmente pelos colonizados é uma fronteira interpretativa altamente instigante e imprescindível, mas ainda muito distante das análises construídas pela bibliografia disponível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BACHA, Myriam. Henri Saladin (1851-1923). Un architecte «Beaux-Arts» promoteur del’art islamique tunisien. In: *L’Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris: Picard, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Ed: UNESP, 2006.

CRINSON, Marck. *Empire Building Orientalism and Victorian Architecture*. Canadá: Routledge; Abingdon, 1996.

CRISTOFI, Renato Brancaglione. *O orientalismo arquitetônico em São Paulo - 1895 - 1937*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-20122016-152110. Acesso em: 25 set. 2020.

DECLÉTY, Lorraine. Pratique et connaissance: les chemins divergents de l'orientalisme scientifique et de l'orientalisme artistique en France et en Allemagne. In: OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (org). *L'orientalisme architectural: entre imaginaires et saviors*. Paris: Ed. A et J. Picard, 2009.

_____. L'Orientalisme, entre connaissance et réinterprétation de l'architecture islamique. Paris: École pratique des hautes études, 2005. Disponível em: <http://theses.enc.sorbonne.fr/2001/declety>.

DIB, Márcia Camasmie. *Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo orientalismo através da pintura*. Goiânia: PROEC - Universidade Federal de Goiás, 2011.

EDWARDS, Holly (org). *Noble dreams, wicked pleasures: Orientalism in America, 1870–1930*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Da premissa metafísica à história do sentido: a Verdade em questão e sua concepção como objeto em Nietzsche. *Revista de Teoria da História*, v. 6, p. 122-138, 2011.

JARRASSÉ, Dominique. Les arts méconnus. Historicité et ethnicité dans l'histoire de l'art au XIXe siècle. In: OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (dir.). *L'Orientalisme architectural entre imaginaires et saviors*. Paris: Picard, 2009.

JONES, Owen. *Plans, Elevations, Sections and Details of the Alhambra*. Londres: 1842-1845.

KALMAR, Ivan. *Moorish Style: Orientalism, the Jews, and Synagogue Architecture*. Jewish Social Studies: History, Culture, and Society, 2001.

_____. *Orientalism and the Jews*. Waltham, MA: Brandeis University Press, 2005.

KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual*. Niterói: Niterói Livros, 2003.

LECONTE, Marie-Laure C. Oriental ou colonial? Questions de styles dans les concours de l'École de beaux-arts au XIX siècle. In: OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (org.). *L'orientalisme architectural : entre imaginaires et saviors*. Paris: Ed. A et J. Picard, 2009.

MACKENZIE, John. *Orientalism: History, theory and the arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

MARINS, Paulo César Garcez. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas, 2001.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, original de 1873.

OULEBSIR, Nabila. *Les usages du patrimoine: Monuments, musées et politique coloniale em Algérie (1830-1930)*. Paris: Ed. MSH, 2004.

OULEBSIR, Nabila; VOLAIT, Mercedes (org.). *L'orientalisme architectural: entre imaginaires et saviors*. Paris: Ed. A et J.Picard, 2009.

PINON, Pierre. Les fondements de l'orientalisme architectural en France. Les cours d'histoire de l'architecture de Jean Nicolas Huyot à l'École des beaux-arts (1823-1840). In: *L'Orientalisme architectural entre imaginaires et savoirs*. Paris; Picard, 2009.

PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'ecllettismo: fonti, teorie, modelli 1750- 1900*. Milão: G. Mazzota, 1975.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOULIER, Bernard. Un parfum d'Orient au cœur des villes d'eaux. *InSitu* [online], Paris, n. 7, 2006.. Disponível em: <http://insitu.revues.org/3069>. Acesso em: 06 nov. 2014

WÖLFFLIN, Henrich. *Conceitos fundamentais da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em: 26/09/2020

Aprovado em: 01/02/21